

# Sonangol quer recuperar investimento no Iraque com saída Estado Islâmico de Mossul

18 de Julho, 2017

A administração da Sonangol admite que a estabilização da situação no Iraque, cujas forças de segurança têm recuperado território antes sob controlo do grupo Estado Islâmico, permitirá recuperar o investimento realizado em campos petrolíferos naquele país, noticia a agência Lusa.

Em causa estão os campos Qayyarah e Najmah, que a Sociedade Nacional de Combustíveis de Angola (Sonangol) detém a sul de Mossul desde 2009, num investimento de quase 300 milhões de euros, que voltaram ao controlo das autoridades iraquianas em finais de 2016, mas que permaneceram várias semanas em chamas, por ação daquele grupo 'jihadista'.

"A administração da Sonangol considera que os atuais esforços para retomar a operação nesses campos e a viabilidade financeira projetada sobre esta operação, permitirão assegurar a recuperabilidade dos investimentos efetuados nestes ativos mineiros", refere a petrolífera, liderada por Isabel dos Santos, no seu relatório e contas de 2016, fechado este mês.

A petrolífera angolana recorda que devido aos conflitos e instabilidade política vividos na província de Nineveh, foi acordado, em 2015, pela Sonangol e pelo Governo do Iraque, "a dispensa no cumprimento das obrigações contratuais" previstas anteriormente "e, conseqüentemente, o encerramento dos campos de petróleo".

"A administração da Sonangol encontra-se, atualmente, a trabalhar no programa de reativação e revitalização desses campos de petróleo, facto que ocorreu em meados de 2016, com a retoma do controlo efetivo desses ativos, após o arrefecimento do conflito e reforço dos contactos intergovernamentais", avança ainda a petrolífera.

A Lusa noticiou a 10 de janeiro último que o ministro do Petróleo iraquiano, Jabbar al-Luaibi, pediu à petrolífera Sonangol para retomar a operação naqueles campos petrolíferos.

Na ocasião, durante uma reunião com o administrador-executivo da Sonangol Edson dos Santos, o ministro Jabbar al-Luaibi pediu à petrolífera estatal angolana para "retomar o desenvolvimento" nos campos de Qayyarah e Najmah.

Na altura, de acordo com informação do governo iraquiano, a atividade em dois poços podia ser retomada no final de fevereiro, mas nove outros poços, dos dois campos, estavam então ainda em chamas, depois de terem sido colocados a arder por elementos do Estado Islâmico, durante o abandono.

Em 2015 foi noticiado que o Estado angolano, através da Sonangol, podia estar

em risco de perder quase 300 milhões de euros investidos na atividade da petrolífera no Iraque, conforme autoria independente às contas daquela empresa estatal.

Segundo o relatório da Ernest & Young às contas da Sonangol de 2014, o grupo estatal angolano do setor petrolífero tem atividade naquele país do Médio Oriente, mas face ao “contexto de insegurança existente nos referidos campos”, as operações foram suspensas e a administração decidiu desinvestir na operação.

De acordo com o auditor independente, no documento a que a Lusa teve acesso, em causa está um investimento global de quase 38 mil milhões de kwanzas (293 milhões de euros, à taxa de câmbio de 2015), “relativos a gastos com bónus de assinatura, prémios de adjudicação e custos de exploração e avaliação” em campos detidos no Iraque.

“Presentemente, não temos qualquer evidência que suporte a existência de negociações com potenciais interessados, pelo que, não estamos em condições de concluir quanto à recuperabilidade do montante acima referido”, concluíam então os auditores.

A petrolífera angolana anunciou em fevereiro de 2014 que estava a preparar o fim das suas operações no Iraque devido à insegurança no país, tendo a administração explicado, em conferência de imprensa que, “internamente já está decidido” a saída do país.